

NOVEMBRO – 1978

Os candidatos se posicionam

Falando de eleições e dos problemas do trabalhador. Páginas 4 e 5

O REPÓRTER
de GUARULHOS
O jornal da cidade

ANO II - Nº 10

Novembro de 1978

Cr\$ 2,00

PATRÃO DIZ NÃO E METALÚRGICOS DECRETAM GREVE



A polícia ocupou a fábrica da FIAT em Betim, porém os trabalhadores continuaram parados

Página 2

Populares sequestram ônibus no J. S. Domingos

Eles só queriam chamar a atenção das autoridades para a falta de condução em seu bairro. Última página

Nem polícia deteve greve dos mineiros

Minas também entrou no movimento grevista. Na manhã da segunda-feira, dia 23 de outubro, as negociações entre operários e patrões para a concessão de um reajuste de 20 por cento acima dos índices oficiais do governo (como aconteceu em Guarulhos e no ABC meses atrás), obrigou os trabalhadores da FIAT, Krupp e FMB, em Betim, a fazer greve.

Na FIAT, 8 mil operários chegaram para trabalhar, bateram o ponto, mas não ligaram as máquinas. Os mil operários da FMB e os 600 da Krupp seguiram a mesma tática. A greve transcorria pacífica, até que no meio da semana a FIAT mandou a Polícia Militar ocupar a fábrica, para «garantir os trabalhadores que quisessem trabalhar». Tava na cara que ninguém queria. Essa desculpa é mais velha que andar pra frente. O que a FIAT pretendia era intimidar, amedrontar os operários com a presença da repressão armada dentro da fábrica.

Mas, em Minas, a tentativa de usar a violência contra o operariado não deu certo. A FIAT continuou parada. Diante da firmeza dos trabalhadores, a Justiça do Trabalho mineira tomou a decisão inédita de conceder aumentos escalonados, de 3 a 12 por cento acima dos índices oficiais, ainda que também declarasse a greve ilegal.

Apesar da decisão da Justiça, um metalúrgico anunciou: «Nós não arredamos um milímetro. Estamos somente ratificando porque já havíamos recusado a proposta anteriormente. Queremos 20 por cento. Com 20 por cento ainda estamos vendendo barato o nosso trabalho».

Químicos ainda em negociações

Várias empresas do setor de químicos e abrasivos concordaram já com o piso salarial de 2.520,00 cruzeiros pedidos pelos trabalhadores do setor de abrasivos. Mas outras não aceitaram, na mesa redonda realizada a 26 de outubro, com o Sindicato dos Químicos.

Diante da intransigência dos patrões, o presidente do Sindicato, João Pedro da Silva, disse que «se os trabalhadores dessas empresas quiserem paralisar o trabalho têm todo o apoio do sindicato».

Também algumas empresas já deram aumentos a seus trabalhadores, como a Olga, com 80 operários, que decidiu não compensar os dez por cento de antecipação concedidos nos movimentos de julho.

Mas é de estranhar que certas firmas, como a multinacional Pfizer, que tem 800 trabalhadores, se recusem a fazer o mesmo. Também é de estranhar a atitude da Vulcan, que concedeu aumento ao pessoal de sua fábrica em Santo Amaro, mas recusa aumentar os operários daqui. Em Santo Amaro, por outro lado, houve paralisação.



"Metalúrgico é isso"

Enquanto cerca de dois mil operários decidiram ir à greve na sede do Sindicato dos Metalúrgicos de Guarulhos e uns 3 mil faziam a mesma coisa em Osasco, na rua do Carmo, em São Paulo, os 30 mil metalúrgicos paulistanos que atenderam à convocação de seu sindicato na noite de 27 de outubro também aclamavam, sem hesitação, a palavra de ordem do operariado cansado de produzir riquezas para os patrões sem receber um pagamento justo em troca: GREVE.

Foi uma noite quente, apesar da chuva que caía em São Paulo. A sede do Sindicato dos Metalúrgicos da Capital era pequena para o mundaréu de gente que foi até lá decidir se os operários aceitavam a contra-proposta patronal (ver PÁG. 3), ou iam à greve para obrigar o patronato a aceitar suas

reivindicações. A assembleia começou com um atrito entre a direção do sindicato e a oposição. A direção queria que a assembleia fosse dentro da sede. A oposição que fosse na rua, onde estava a maioria dos 30 mil metalúrgicos. A assembleia foi feita dentro da sede também do lado de fora, usando-se uma Brasília lá estacionada como tribuna, sob uma faixa que atravessava a rua de lado a lado e dizia:

«Liberdade de Organização e Mobilização para os Trabalhadores».

Joaquim dos Santos Andrade, presidente do sindicato a muito custo terminou de ler a contraproposta patronal, os operários, de mãos levantadas, gritavam em coro: «Um dois, três, agora é a nossa vez».

Perto, da mesa, um operário chorando dizia: «Viu, isso é ser metalúrgico».

Greve vence a fome

Teobaldo de Nigris, presidente da FIESP, antes de eclodir a greve, disse que, desta vez, os patrões já saberiam como agir, pois tinham a experiência das greves anteriores. «Seu» Teobaldo também baixou instruções aos associados da FIESP sobre como fazer para impedir ou torpedear a greve. Porém, há patrões que têm muita imaginação — uma imaginação desumana, uma imaginação de carrascos. Os donos da Limasa & Paul e da Metacil, por exemplo, resolveram

obrigar seus operários a trabalhar pela fome: trancaram os operários na fábrica, proibindo-os de almoçar.

Esses vilões desalmados não esperavam que os metalúrgicos da Metacil e da Limasa fossem mostrar a firmeza de consciência suficiente para manter a greve. O pessoal da Metacil e da Limasa deu o exemplo: é melhor passar fome um dia ou dois, mas manter a luta para não passar fome o resto da vida, explorado pelos patrões.

O sucesso do movimento em Guarulhos

No segundo dia de greve, terça-feira (31), já se podia dizer que o movimento grevista estava obtendo sucesso total. Em Guarulhos, cerca de 90 por cento dos operários metalúrgicos não trabalharam, cruzando os braços diante das máquinas ou, nos casos em que as empresas dispensavam seus empregados, estes se dirigiam em grandes levadas para o sindicato.

A disposição de luta dos metalúrgicos de Guarulhos já estava mais que provada. Cerca de 43 mil trabalhadores, de uma categoria de 48.600 metalúrgicos segundo o último levantamento do sindicato, de firmas grandes, médias e pequenas, cruzaram os braços e se recusaram a voltar ao trabalho até que fossem atendidas suas reivindicações, numa impressionante demonstração de unidade, como jamais houve na história do município.

No Sindicato dos Metalúrgicos e nas ruas próximas à sede, enormes e infinitos grupos de operários e operárias entravam e saíam sem cessar como se fosse um grande formigueiro. No auditório, os operários que iam chegando, às vezes uma centena de uma mesma fábrica, se reuniam para debater a continuidade do movimento grevista, davam um informe da situação em suas respectivas empresas, e ali mesmo formavam suas comissões.

Os trabalhadores das fábricas em que a greve ainda não era total discutiam e organizavam grupos para ir até a empresa e tentar convencer seus companheiros a aderirem ao movimento.

Neste vai e vem incessante, chegou a impressionar o momento em que um grupo de mais ou menos 50 operárias da VDO foi exaustivamente aplaudido pela multidão quando entrou na sala do auditório. É que elas já haviam entrado em greve na segunda-feira, mas foram iludidas pelos patrões que as forçaram a trabalhar alegando que já havia sido assinado o acordo. Percebendo a mentira, elas pararam de novo na terça-feira e foram ao sindicato.

Outro fato: trabalhadores que eram impedidos de entrar nas fábricas seguiam à risca as determinações da assembleia de sexta-feira: com tranquilidade e calma se dirigiam à sede do sindicato e, indagados se isso iria influir negativamente no movimento, respondiam que não, que eles lutariam até o fim, até conseguirem o aumento reivindicado, o que é um direito legítimo e deve ser conquistado.

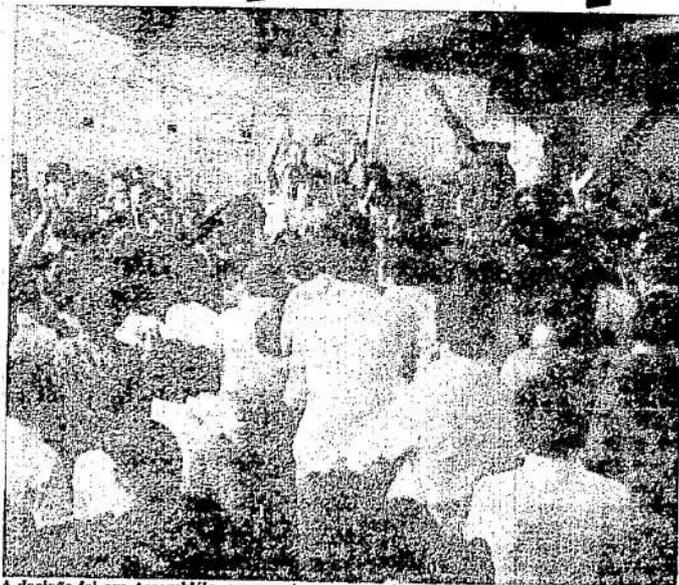
O REPÓRTER

de Guarulhos
 Editora Cal Içu Ltda.
 r. Luiz Faccini, 597, s/32
 Responsável — Névio Roberto Gomes
 MTPS 9854
 Impressão e Composição
 Diários Associados
 r. 7 de Abril, 230 — São Paulo

Negociação agora só com máquina parada

Mais de 300 mil metalúrgicos de Guarulhos, São Paulo e Osasco entraram em greve a partir de segunda-feira (30 de outubro) depois de exaustivas negociações entre os sindicatos patronal e da categoria em que os patrões se recusaram a atender as reivindicações dos trabalhadores: 70 por cento de aumento salarial sem desconto dos aumentos já concedidos por ocasião das greves de junho e julho; a criação e estabilidade para as comissões de fábrica, etc.

E, deflagrada a greve, como as empresas começaram a pressionar e ameaçar os operários, com suspensão dos grevistas e o desconto no salário dos dias não trabalhados, os três sindicatos metalúrgicos decidiram colocar como primeiro item do elenco de reivindicações a garantia de que os trabalhadores não sofrerão qualquer tipo de punição, por exercerem seu legítimo direito de greve. A greve foi decretada na assembléia de sexta-feira (dia 27), a maior de toda a história do sindicato.



A decisão foi em Assembléia, com maciça presença dos trabalhadores

terminaram sendo despedidos, prejudicando assim uma mais perfeita organização da luta de agora». Apesar disso, esta paralisação já começou mais bem preparada, pois logo após a assembléia vários grupos por empresa começaram a planejar o movimento.

«Não podemos baixar a cabeça diante dos que nos exploram»

A multidão presente à assembléia aplaudiu constantemente o grande número de oradores a defenderem as reivindicações e a paralisação. E gritou «Fora, Fora», para dois oradores que quiseram desmoralizar a greve e aconselhar a aceitação da contraproposta patronal. Um deles, envergonhado até desistiu de falar. As manifestações de todos os presentes e as intervenções foram um reflexo no sindicato, do crescimento da mobilização operária em Guarulhos. Mostraram a ansia geral de participar, lutar e as decisões tomadas na reunião.

O tema dos discursos pode bem ser resumido pela intervenção de um dos primeiros oradores. Disse ele: «Não podemos baixar a cabeça diante daqueles que usurpam nosso trabalho. Nós temos dignidade. Não vamos na firma aceitar as migalhas que eles nos oferecem. Dignidade, companheiros! Fizemos um elenco de reivindicações e não fomos ouvidos. Ou atendem, ou greve!»

A primeira tarefa foi organizar logo a greve de 2ª feira

Na medida em que se sucediam as intervenções em defesa da greve, muitos oradores já procuravam defender a necessidade de organização imediata, a partir daquela mesma noite, de movimento paralista. E, com efeito, terminada a assembléia, apesar de cansados de uma dura semana de trabalho, mais de uma centena de operários permaneceram na sede do sindicato para acertar os primeiros passos do movimento.

E no fim-de-semana decisivo que se seguiu, foi grande o número de operários que se dirigiram ao sindicato para aí organizar com companheiros de fábrica as medidas necessárias para a segunda-feira da greve. Começava a realização daquilo que havia dito um dos oradores: «Os patrões estão unidos contra nós. A nossa resposta deve ser a nossa união e a nossa organização».

Para os operários não havia qualquer outra alternativa

Decretada a greve, foi em seguida determinada a forma de sua concretização.

Decidiu-se então que deveriam ser formadas comissões por fábrica para coordenar o movimento em seus locais de trabalho e que durante o período de greve, os operários marcariam o cartão e ficariam em seus postos sem ligar as máquinas.

Também ficou decidido que, no caso de a empresa impedir a entrada, os operários devem se dirigir ao sindicato. E se a firma quiser negociar à parte com seus empregados, recomendou-se que se leve a proposta para ser debatida no sindicato, uma vez que a luta é de toda a categoria.

Os operários eram unânimes em afirmar que a intransigência dos patrões em não conceder o mínimo que os metalúrgicos necessitam para enfrentar a alta do custo de vida, só deixava o recurso da paralisação. Estava claro que, após vários dias de cansativas negociações, os patrões não quiseram conceder nenhuma das principais reivindicações dos empregados, mesmo sabendo que já na primeira assembléia os trabalhadores se mostraram dispostos a lutar pelos 70%.

E, ainda, sabiam que, na segunda assembléia, com 5 vezes mais operários, foi recusada a contraproposta que os patrões terminaram não alterando substancialmente. Por

O choque das propostas

Antes da decretação da greve em São Paulo, Guarulhos e Osasco, houve três longos e exaustivos encontros entre os sindicatos dos trabalhadores, acompanhados de comissões nomeadas em assembléia e os vários sindicatos patronais. «Os patrões procuraram nos vencer pelo cansaço», declarou um dos 25 representantes dos operários de Guarulhos na última negociação, no quartel-general dos patrões, a Federação das Indústrias de São Paulo, onde se realizam os encontros.

Os principais itens pelos trabalhadores foram: aumento salarial de 70% sem desconto dos aumentos

dados em junho-julho; salário mínimo para os metalúrgicos de Cr\$ 4.680,00; novos reajustes a cada três meses; estabilidade para as comissões de fábrica. A última resposta dos patrões a estes itens foi: aumentos, sempre descontando tudo o que foi dado desde novembro do ano passado, na seguinte proporção; 56% para salários de até Cr\$ 4.680,00; 52% até Cr\$ 9.360,00; 50% até 14.000,00; 48 % até Cr\$ 18.720,00; e salário mínimo metalúrgico só de Cr\$ 2.448,00. Sobre os reajustes trimestrais e comissões de fábrica, apenas prometeram estudos.

isso é que a multidão gritava «Abaixo» à posição dos patrões e «Greve» quando os oradores falavam na proposta operária.

«Os patrões estão querendo retirar o que conquistamos»

Esta greve significa um passe adiante em relação às paradas de junho e julho. Antes foi uma greve de algumas firmas, cada uma decidindo praticamente isolada. Agora, no caminho indicado pelos grevistas há mais de três meses, a movimentação será de toda a categoria. A previsão de operários e dirigentes sindicais ouvidos depois da assembléia é de que a greve se iniciará num bom número pioneiro de

firmas e depois se expandirá pelas outras fábricas da categoria metalúrgica. A pressão será para o aumento em todas as firmas, grandes, médias e pequenas, coroando as vitórias de algumas na metade do ano.

Os trabalhadores das fábricas que fizeram greve se recusam até a discutir qualquer possibilidade de desmontar o que ganharam lutando. Dizem eles: «Os patrões não poderão agora voltar atrás os acordos, como estão tentando, pois eles deram por definitivos os aumentos arrancados!» Outros ainda afirmam: «Mas uma lição dos acontecimentos do meio do ano é a necessidade de as comissões de fábricas terem garantida a sua estabilidade, porque muitos operários que se destacaram como porta-vozes de seus colegas grevistas,

Como votar, por que votar e em quem votar

Desde de 1964, o governo tenta impedir a participação do povo na escolha de seus representantes, através de eleições de atos institucionais, leis de inelegibilidade e cassações de mandatos, eleições indiretas etc.

Já a extinção dos antigos partidos políticos e a criação de Arena e MDB, pelo Ato Institucional nº 2, de 1965, partidos sem base popular porque criados de cima para baixo, visava limitar a existência de oposição e mantê-la sob controle, através das medias de força criadas pelo AI-5.

Apesar de tudo, as eleições de 1974 assinalaram um marco importante para a participação popular, na medida em que assumiram um caráter nitidamente plebiscitário marcado pelo voto maciço na oposição como uma forma de protesto contra a situação vigente.

A vitória da oposição em 1974 e seu crescimento nas eleições municipais de 1976, levou o governo a reforçar o elenco de medidas destinadas a bloquear a tendência oposicionista do eleitorado, através da Lei Falcão, que impede o acesso dos candidatos ao rádio e à televisão reduzindo a propaganda eleitoral a um insofrito desfile de fotos e currículos sem conteúdo, e do «Pacote de Abril» que reafirmou as eleições indiretas para governadores e criou a estranha figura do senador «biónico».

É neste quadro que vão se realizar as próximas eleições. Mas apesar de todos os empecilhos criados pelo governo, as prévias eleitorais demonstram que a oposição continua a crescer. No entanto, os acontecimentos de 1974 para cá demonstram a necessidade de refletir sobre o significado de votar no MDB. Em primeiro lugar, deve-se reconhecer que o simples voto de protesto, na legenda ou em qualquer candidato de oposição, não é suficiente para mudar a situação, já que o governo pode mudar as regras do jogo sempre que achar necessário. Por outro lado, o MDB, por ter sido um partido criado por decreto, aglutinando todo mundo que não coube no partido do governo, é composto também por adestistas, preocupados somente com seus interesses pessoais.

Por isto, nas próximas eleições, o voto dado ao MDB deve significar um voto dado aos candidatos populares que, dentro do partido de oposição, estejam comprometidos a reforçar a luta dos trabalhadores, a única capaz de transformar a situação vigente.

MDB

Para senador

Fernando Henrique Cardoso

Para Deputado Federal

Frederico Brandão

nº 310

Para Deputado Estadual

Marcos Milani

Nº 1533

Os candidatos por dos problemas do

«A função do deputado hoje está muito desvirtuada, embora eles se elejam com o voto do povo, depois de eleitos a maioria passa a defender os seus próprios interesses pessoais e interesses de grupos econômicos».

Afirmações como essa de Marco Aurélio, advogado da oposição sindical dos metalúrgicos de São Paulo, e outras feitas por Airton Soares, deputado federal e advogado de presos políticos, por Aurélio Perez, líder do Movimento Custo de Vida, e Antonio Funari estão na entrevista concedida ao Repórter de Guarulhos.

Marco Aurélio defende as greves

Qual a função de um deputado?

Um deputado deveria representar os interesses do povo, defendendo no Parlamento esses interesses. Hoje, a função do deputado está muito desvirtuada porque os deputados, em sua maior parte, depois de eleitos passam a defender principalmente seus interesses pessoais e interesses de grupos econômicos. Poucos são aqueles que realmente se preocupam com os interesses do povo, do trabalhador, dos eleitores que votaram nele.

Por que até hoje não se conseguiu aprovar uma lei que permita a greve?

A greve é o instrumento de luta principal que tem o trabalhador na defesa de seus direitos. Como existe na realidade uma luta de classes entre a classe dominante (patrões) e a classe dos trabalhadores, há sempre o interesse de uma que contraria o interesse da outra. O interesse do patrão é obter lucro maior, e para obter lucro maior ele procura pagar o quanto menos ao trabalhador, manter a fábrica em condições de segurança ruins, acelerar o ritmo das máquinas, tudo o que possa aumentar a produção a um custo baixo, principalmente a um custo humano baixo. O trabalhador, para conseguir defender seus direitos ou melhores condições de trabalho, só tem um instrumento que é realmente forte que é a greve. A lei que poderia dar ao trabalhador o direito de fazer a greve, somente seria possível num regime de liberdade, onde houvesse a preocupação de defesa dos direitos dos trabalhadores. Mas como a gente vive num regime ditatorial que tem como única preocupação defender os interesses dos patrões, os mandatários da Nação não aprovam uma lei que permita a greve, porque estão lá defendendo os interesses do patrão.

Por que os candidatos só aparecem em época de eleições?

Acho que a maior parte dos candidatos só aparece realmente na época das eleições. A gente precisaria distinguir dentro os candidatos, aqueles que fora da época das eleições tenham comprometimento com as lutas dos trabalhadores na fábrica, nos sindicatos ou nos bairros. Então, acho que há necessidade de se analisar a prática do candidato antes das eleições, o comprometimento que tem esta prática com as lutas dos trabalhadores, nos seus locais de moradia, nos seus locais de trabalho.



Marco Aurélio.



Antônio Funari.



Aurélio Perez.

Trabalhadores opiniam

O Repórter de Guarulhos reuniu em sua sede alguns representantes de bairros, para uma discussão sobre eleições, poder apreender a expectativa e a posição da população guarulhense frente aos candidatos.

As opiniões dos moradores pouco variaram e não saíram, praticamente em nenhum momento, de um tom de deserdito no que os candidatos, se eleitos, poderiam fazer.

Ficou descartada, numa primeira abordagem por parte dos moradores, a possibilidade de se votar na ARENA. A discussão girou em torno de voto nulo ou MDB, concentrando-se principalmente, nas possibilidades de atuação que teriam os candidatos depois de eleitos. Não foi, nem é a nossa intenção enquanto jornal, a de fazer com que os participantes chegassem a um consenso. Apenas nos limitamos a anotar as opiniões e, ao final

a relação de perguntas que seria da aos candidatos.

Abaixo alguns trechos de a que por razões de espaço não transcrito na íntegra.

Para o sr. Antonio, morador veni, a eleição é uma farsa, questão de um ou outro deputado questão de conjuntura política, que eles prometem tem condições cumprir. Todos eles foram em na direta, mas diante do pacote de de outros pacotes a ação dos a fica praticamente nula. Apesar não sou favorável à campanha nulo. O único deputado bom me vi até hoje era um antes de era operário e em todas as mo operárias estava presente. Só cassado.

Dito — Eu já vejo diferente. F plo, o Franco Montoro criou

Antônio Funari é contra o arrocho

O que você pretende fazer em prol dos trabalhadores?

No atual regime, que castrou e bloqueou os parlamentos, um político decente e coerente deve juntar sua voz na Assembléia à voz do povo nas ruas, nas fábricas e nas escolas. Divulgar, explicar e dar força às lutas populares, na sua trincheira especial no parlamento criar condições para que o povo avance em suas lutas e busque suas soluções. Milagres e soluções para todas as necessidades populares não prometemos porque será uma mentira eleitoral. Os problemas populares são tão enormes, e seus causadores são tão fortes, que somente o próprio povo mobilizado terá força suficiente para enfretá-los. Entretanto, na Assem-

bléia Legislativa poderemos lutar melhor, junto com o povo, pela cia, pela justiça social e contra são e a exploração deste mesmo

Você vai lutar contra o arrocho que maneira?

Eu sempre lutei contra o arrocho e lutarei com todas as forças e por meios que tiver na Assembléia, política salarial do Governo. E temos um governo de patrões impôs ao povo brasileiro exatamente o objetivo de arrochar. Assim própria história nos ensina que quando os operários se organizaram, o arrocho foi vencido exemplo marcante destas lutas, recentes greves dos metalúrgicos outros setores assalariados. As lutas populares, entretanto, é a luta parlamentar, ligada às po

Os populares falam as do trabalhador



Aurélio Perez.

Airton Soares.

es opiniam e perguntam

ção de perguntas que seria submetida aos candidatos.

aixo alguns trechos de discussão, por razões de espaço não pode ser feita na íntegra.

a o sr. Antonio, morador do Parana eleição é uma farsa. «Não é de um ou outro deputado. É uma de conjuntura política. Nada de es prometem tem condições de r. Todos eles falam em negociação mas diante do pécados de Abril e os pacotes a ação dos deputados praticamente nula. Apesar de tudo a favorável à campanha do voto único deputado bom mesmo que hoje era um antes de 64, que rário e em todas as mobilizações as estava presente. Só que foi

— Eu já vejo diferente. Por exemplo Franco Montoro criou o salário

família e o 13º, acho que todos deveriam fazer a mesma coisa. Eu só acho que votar para deputado é muito pouco, a gente deveria votar para presidente.

Antonio — Quem criou o 13º não foi o Montoro, foram sim as manifestações dos trabalhadores na época. Ele só está levando as glórias.

Eli, trabalhador químico e morador do Jardim Barbosa, acha que nenhum deputado vai fazer nada. «Na época de eleições eles são ótimos, mas depois ninguém vê a atuação deles». Posição acompanhada por Valdevino e Leticia.

Enquanto Nair, trabalhadora química e moradora da Vila Flórida, além de acompanhar os demais na posição cética quanto às eleições, define o candidato ideal como «aquele que defendesse os meus interesses: direito de greve, livre associação do trabalhador etc.».

Aurélio Perez contra a carestia

O que fazer para melhorar as condições de vida do trabalhador?

Acima de tudo, a única renda de um trabalhador é o seu braço e sua capacidade de produzir. Se o trabalhador não receber salário, sua condição de vida piora, porque tudo depende do seu dinheiro. A luta por aumento de salário é a melhor forma de melhorar as condições de vida do operário. Todo operário deve lutar contra as injustiças na fábrica, contra a carestia. O operário precisa reconquistar o direito de greve, fazendo greve.

Como defender o consumidor?

No regime capitalista, a forma mais correta de proteger o consumidor é dar-lhe um poder aquisitivo maior. Não há outra forma de se distribuir a riqueza

senão através dos salários. Acho que o maior inimigo do consumidor é o próprio Governo que facilita a exploração. A dependência ao capital estrangeiro é o maior ataque ao consumidor, pois quanto maior a dívida, maior a inflação. A atual estrutura agrária também prejudica o consumidor. O homem da roça não tem terra nem assistência. Toda plantação está voltada para exportar, deixando em falta o consumo interno. Por isto, uma reforma agrária deve ser feita com urgência. No Movimento do Custo de Vida também se pede, entre outras medidas, o congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade. Sabemos que o governo tem muitos mecanismos para congelar os preços, beneficiando o consumidor sem desestimular o produtor. Além da reforma agrária o Governo pode desviar incentivos fiscais que hoje são dados aos tubarões para beneficiar o consumidor.

Airton Soares quer liberdade sindical

Como criar um sindicato autêntico?

Sindicato autêntico, livre, só se cria mesmo dentro de um regime de liberdade. O que nós temos que fazer é enfrentar esta política do governo que está transformando a atividade sindical em verdadeiro assistencialismo, que tende a avançar na medida em que os trabalhadores não participem do seu sindicato, ou não façam política. A nossa grande tarefa é fazer com que os trabalhadores participem do seu sindicato, se associem ao seu sindicato, fortalecendo-o e, dentro dele, procurem destronar os pelegos. Colocar nos sindicatos grupos autênticos, pessoas autênticas, líderes autênticos que possam inverter os planos do Governo em relação à classe trabalhadora brasileira.

Qual o significado para o trabalhador, das eleições, para o Senado?

Além do senador biônico nomeado pelo Governo, o povo vai escolher em eleição direta um representante para o Senado. Dentro os dois candidatos do MDB parece que o melhor é FERNANDO HENRIQUE CARDOSO, que é um professor que vem de longa data desenvolvendo uma atividade comprometida com as lutas do trabalhador. Não é o tipo de político que promete resolver os problemas do povo, muito pelo contrário, é um político que está preocupado em lutar ao lado do trabalhador, do povo, para resolver estes problemas. Nisto ele se diferencia do político que apenas pede voto em véspera de eleição, que promete resolver tudo de pois esquece. Um político como FERNANDO HENRIQUE CARDOSO, ao invés de prometer soluções, se compromete a lutar junto com os trabalhadores pela solução de seus problemas.

Você tem condições de acabar com a repressão?

Não, a repressão só acaba quando o Governo de exceção for substituído por um governo popular, eleito pelo povo. Só quando o Governo militar for substituído por um governo civil, acabarão as medidas repressivas.

Dr. Paulo Toshiyuki

Honda

Cirurgião Dentista
Praça 8 de Dezembro, 5

sala 3

Taboão — Guarulhos

Causas Trabalhistas

Dr. Samuel Solomca
Advogado

Levantamos seu F.G.T.S. (Fundo de Garantia) em qualquer código Férias, 13º Salário, Aviso Prévio

Rua 9 de Julho, 75 - S/45

Prédio da Justiça do Trabalho - Guarulhos

Para Deputado Federal

Alberto Goldman

MDB—nº 377

MDB

Nunca se calou

Para Deputado Estadual

Antonio Rezk

MDB—nº 1542

MDB

Sempre ao lado do povo

ANÚNCIOS POPULARES

IMOBILIÁRIA TABOÃO: Terrenos com pequena entrada e restante a longo prazo, principalmente no Jardim São João, Jardim São Domingos e Jardim Presidente Dutra e outros. Matríz: Praça 8 de Dezembro, nº 5, sala 4. Filial: Estrada do Nazaré Paulista, 3.200, Jardim São João, Guarulhos.

O REI DOS PINTOS -- Rações, alimentos para pássaros, sementes, vasos, gaiolas, adubos e produtos veterinários. Grande variedade de mudas de plantas. Os melhores preços da praça. Avenida Monteiro Lobato, 200 - Guarulhos - Centro. Fone: 203-5410.

SAPATARIA MOTTA -- O rei dos tamancos. Vendemos também sandálias, chinélos, sapatões, botas, bolsas. Fazemos consertos em geral. Aceitamos encomendas. Rua Cerqueira César, 27 (quase esquina com Rua D. Pedro II), Guarulhos.

SERRALHERIA DUARTE -- Vitrós, portas e portões de ferro, portas de armazém, grades de proteção, barracas de jornais (também consertamos). Endereço: Rua Diamantina, nº 7, Jardim Santa Inês (perto da Praça 8 de Dezembro), Taboão - Guarulhos.

REFRIGERAÇÃO TABOÃO -- Conserto, reforma e pintura de geladeiras, conserto de fogões, painéis de pressão, bombas d'água, motores elétricos, eletrodomésticos. Enrolamento de motores. Compramos e vendemos aparelhos usados. Rua B, nº 6, Jardim Kawamoto/Perto da Praça 8 de Dezembro) Taboão - Guarulhos.

Para ser médico, Sócrates teve que jogar futebol

Sócrates Brasileiro Sampaio de Sousa Vieira de Oliveira, paraense de Belém, nascido em 1954, médico que adquiriu projeção nacional ao fazer sete gols na Portuguesa santista, foi entrevistado, no último domingo de outubro, no programa Vox Populi, da TV Cultura, canal 2.

Personagem altamente controverso, misto de atleta e cientista, um virtuoso do futebol que pretende se dedicar à medicina, um médico que sacrificou a sua vocação para poder ganhar dinheiro com o futebol, deu uma entrevista muito pobre, por culpa exclusiva dos entrevistadores, em face de tudo o que ele teria a dizer.

Como se sente em um time de massa?

É indefinível esta torcida que comparece em peso aos estádios e que nos incentiva tanto, acho até que deveríamos participar das tristezas e alegrias desta torcida.

Existe alguma diferença de relacionamento entre um time grande e um pequeno?

O relacionamento é o mesmo, às vezes fazemos até amigos, apesar das diferenças salariais as pessoas não mudam.

Por que no Botafogo você fazia gols constantemente e no Corinthians encontra dificuldades?



Sócrates mostrou que também sabe falar

Acho que não joguei nem 50% do que sei, isto faz parte de um processo de adaptação, clube, cidade etc.

Dizem que a política do clube influi na vida do jogador?

Talvez influa na vida de alguns, na minha não influi.

Como você consegue conciliar futebol com medicina?

Consegui conciliar minha vida de estudante, mas é difícil manter duas atividades paralelas.

Você não acha que esse período em que você está afastado da medicina lhe prejudica?

Sim. Mas não tinha opção, eu gosto muito de futebol que foi para mim uma contingência apesar do meu ideal ser a medicina.

Como você se vê como futuro doutor?

Pretendo fazer uma medicina comunitária, coletiva, coisa que poucos fazem.

Por que a opção pelo futebol?

Porque o futebol dá mais dinheiro que o que ganharia um médico no seu primeiro ano de exercício. Este dinheiro me permitirá fazer cursos de especialização.

Você é corinthiano?

Quando garoto eu era santista, agora quando você é jogador a briga é pelo time que você defende.

Por que o Corinthians não tem se apresentado bem?

O maior problema do Corinthians foi a reformulação, a equipe ainda não jogou completa, coisa necessária, fundamental.

O médico não se assusta de ser acusado de se preocupar mais com medicina do que com futebol?

Às vezes quando jogava mal era chamado de mercenário por jogar futebol para conseguir dinheiro para meu curso.

Você confirma que sua carreira começou em Ribeirão Preto, passa por São Paulo e deve terminar na Inglaterra? Não sei onde vai terminar, mas eu quero um estágio na Inglaterra.

Você fica inibido jogando na meia esquerda?

Não tenho preconceito em jogar em qualquer posição mas este período de transição é importante porque da forma como eu jogava em Ribeirão Preto jamais jogarei no Corinthians, portanto tenho que me adaptar.

COLONÃO

Uma vitória, três empates e cinco derrotas. Esse foi o saldo da campanha realizada pelo campeão brasileiro de Damas, Genaldo Gonzaga da Silva, no Campeonato Mundial de Damas, disputado na cidade de Trento, Itália. Não foi uma campanha das mais estimulantes. Muito pelo contrário, pode até ser considerada ruim. Entretanto, deve-se realçar que o campeão brasileiro viajou para a Itália não com o objetivo exclusivo de vitória. Mas com uma meta bem mais importante do que isso, ou seja, adquirir experiência. Antes dele, nenhum outro brasileiro tinha participado do Campeonato Mundial.

Agora, de volta a Guarulhos, onde mora desde 68 e já conta com inúmeros amigos, Genaldo tem sido procurado para falar das suas peripécias em Trento, dos combates que travou com os «reis mundiais do tabuleiro».

Genaldo ficou em 8º lugar no seu grupo, posição que não foi suficiente para que ele passasse à fase final. Caso ele tivesse se classificado, teria certamente enfrentado até o campeão do mundo do jogo de damas, W. Virsma. A Itália e suas belezas fascinaram o campeão de Guarulhos, porém, as maiores emoções ele viveu na disputa do campeonato quando venceu o campeão italiano, empatou com o campeão da União Soviética, empatou com o campeão dos Estados Unidos e obteve outro brilhante empate com o famoso R. Clerc, campeoníssimo da Holanda. Este Clerc, inclusive foi quem decidiu anteriormente com Virsma, o título mundial de 1977, numa série «melhor de seis partidas».

Do Campeonato Mundial participaram os 22 melhores jogadores de damas do mundo. Todos eles, em seus respectivos países ostentam o título de «Mestre Nacional». E Genaldo Gonzaga é Mestre Nacional do Brasil. Ele conquistou esse título em 1975. O título de Mestre é conquistado quando o jogador atinge um determinado número de pontos, que recebe de acordo com sua classificação nos torneios de que participa.

Aos amigos de Guarulhos e companheiros que jogam com ele nos vários campeonatos da Federação Paulista de Damas, Genaldo confessa: «Competir no Mundial foi um sonho que pra mim se tornou realidade. Espero agora por novas oportunidades e torço para que outros campeões de dama brasileiros também tenham a mesma felicidade».

Para Deputado Estadual
Hélio César Rosas
MDB nº 1403 MDB

Por melhores condições
de trabalho

MDB

Para Senador

Fernando Henrique Cardoso

Uma Alternativa Popular

Para Deputado Estadual
vote em
Marco Aurélio Ribeiro
MDB — nº 1517 — MDB

Reeleja Deputado Federal

Airton Soares

MDB — nº 336 — MDB

Cultura ★ Diversões ★ Cultura ★ Diversões ★ Cultura ★ Diversões ★ Cultura

Dancin'Days: um conto de fadas



O talento de Sonia Braga no papel da ex-presidiária Júlia

A indústria do sonho está a todo vapor no horário nobre da Globo, vi a novela Dancin'Days. Criar ilusões na cabeça das pessoas é uma função que as telenovelas insistem em exercer apesar de todas as mudanças que estão ocorrendo na sociedade.

No momento em que a grande maioria está lutando para viver, com os salários baixos e o custo de vida subindo, a televisão está apresentando um saco-de-gatos com alta sociedade e pobretões, diplomatas e presidiárias, professoras e milionários vivendo histórias de amor. Mesquinhas de mulheres desocupadas,

adolescentes bem nutridos e apesar disso idiotas, casamentos desfeitos e lições de feminismo ao mesmo tempo em que tenta explicar o que é denúncia vazia e lei de inquilinato, incentivando o consumo de colônias, roupas divertidas, e bonecas dos contos de fada.

O problema central, do ex-presidiário, foi deixado de lado para que a história passasse a girar em torno de uma briguinha familiar entre a Júlia a (ex-presidiária) e a irmã Iolanda, cada uma lutando com unhas e dentes para ver quem ganha o campeonato da futilidade e da burrice feminina: Até agora todos os homens da novela

são apresentados como bobos apaixonados, desprezados pelas mulheres ou servindo apenas para sustentar seus luxos e caprichos. Não cabe na cabeça de ninguém que um homem como o Ubirajara, sustente uma mulher e sua corte, só porque ela é bonita e boazinha. Ou que seja tão irracional a ponto de não perceber que está sendo enganado. A impressão que se tem é que esta novela foi feita apenas para confundir, e não para explicar, como diria o Chacrinha. Tudo está tão fora da realidade, que se perde para outra telenovela, de duração mais curta, patrocinada pela Lei Falcão: a propaganda eleitoral.

Festival do C. Crispiniano

Apesar da má organização, do atraso no início, da falta de microfone que prejudicou o entendimento das músicas, teve lugar, no EEPs, Conselheiro Crispiniano, a 2ª Fase do 1º Festival Musical Infantil-Juvenil Metropolitano, promovido pela 2ª Delegacia de Ensino de Guarulhos. Fazia muito frio mas o público concentrado no pátio interno da escola aplaudiu entusiasticamente os concorrentes. A apresentação estava prevista para o anfiteatro do Conselheiro. Porém, graças ao não comparecimento da Diretora Regional, professora Neyde Campos Aragão, o anfitea-

tro não pode ser aberto, o que não esfriou o entusiasmo dos jovens. Cinco escolas participaram colocando-se do primeiro ao quinto lugar respectivamente: EEPG Parque Uirapuru, com a música «Vida de Pobre» da autoria de Osea; EEPG Prof. Gabriela Freire Lobo, com «Rotina», de Carlos Alberto Costa de Souza; EEPG Hipólito da Cunha, com «Solidão», de José Rodrigues; «Meu Bem», da autoria de Aurora Celeste de Araújo, do EEPG de Aruja e «Nada pode dizer», de Maria das Graças, do EEPG Cte. Ribeiro de Barros.

Festa dos químicos

O SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS E FARMACÊUTICAS DE GUARULHOS, realizará no dia 25 de novembro a I Festa do Chope em prol da construção da sua Sede Própria. A festa terá lugar no ESTÁDIO FIORAVENTE IERSOLINO, das 22 às 4 horas, com show dançante e distribuição de vários prêmios. Os convites poderão ser adquiridos nos seguintes locais:

Sindicato dos Trabalhadores no Comércio, R. XV de Novembro, 85 - 6º andar, Sindicato dos Trabalhadores nas Metalúrgicas de Guarulhos, Sindicato dos Trabalha-

dores na Ind. de Alimentação de Guarulhos Casas Pernambucanas, rua D. Pedro II, 3º 115 Sindicato dos Trab. na Construção Civil, rua Santo Antonio, 190-A Sind. dos Trab. na Indústria de Papel e Papelão, R. S. Antonio, 190-1º Sindicato dos Condutores Rodoviários de Guarulhos - R. Luiz Gama, 108.

Escritório Despachante Castro e Coetho Ltda. Rua Capitão Gabriel, 115 Banca de Jornal Jamaina, Pça Getúlio Vargas Deptº Social da Dupon do Brasil Deptº Social Gremart Durlin Tintas e Vernizes



Deputado Estadual
Antonio Funari Filho
 MDB - nº 1538 - MDB
 Luta pela democracia, por melhores condições de vida e pela organização política dos trabalhadores

Deputado Federal
Assis de Almeida
 MDB - nº 407 - MDB
 O candidato de Guarulhos que lutará por você



No S. Domingos, os moradores usaram uma forma original de reivindicar condução

Moradores sequestram ônibus como protesto

Os moradores do Jardim São Domingos, Taboão, cansaram de estar mandando há dois anos abaixo-assinados à Prefeitura pedindo a extensão da linha do ônibus Praça 8 até o bairro. Resolveram então sequestrar um desses coletivos e fazer uma viagem simbólica até o novo ponto final. Foi num domingo à noite desse mês de outubro, que cerca de cem moradores desceram do bairro portando faixas que diziam: «Queremos ônibus em São Domingos»; «Se com essa não conseguirmos, na próxima vamos pôr fogo nos ônibus».

Quando um ônibus chegou pelas nove e meia da noite e o motorista viu aquela multidão, comentou: «Será que alguma firma doida resolveu trocar o dia pela noite no verão?». Logo viu que não. Os passageiros se explicaram: «Queremos subir até o alto do Jardim São Domingos. Anote o número da catraca para você e o trocador não terem prejuízo».

O motorista não tinha saída e lá se foi o coletivo parando simbolicamente em cada um dos novos pontos até chegar ao ponto final. A viagem foi rápida porque são só dois quilômetros, fáceis para um veículo, mas difíceis para o pedestre que tem que andar no pó, na lama ou na escuridão.

Chegados ao novo ponto final, os próprios moradores resolveram enviar uma delegação com o trocador e sua féria até a delegacia de polícia para comunicar a ocorrência e mostrar as suas intenções apenas de alerta aos responsáveis pelo transporte da população. A polícia resolveu desnecessariamente buscar os «sequestradores» e levou unstrinta para serem fichados e interrogados sob a acusação de sequestro. O delegado queria saber quem eram os líderes e o pessoal falou: «É todo mundo».

A história toda terminou à uma hora da manhã, quando os trinta foram conduzidos de volta ao

Jardim, pelo mesmo ônibus que haviam «sequestrado», acompanhados de um inspetor da empresa. O funcionário constatou no local que existiam todas as condições para o ônibus subir e não sabia porque não acontecia isso. Os trabalhadores que faziam o protesto sabiam porque: as autoridades e os donos da empresa não estão interessados no drama diário de condução que vivo o povo dos bairros!

Depois do «sequestro» a Prefeitura resolveu arrumar a estrada que leva ao bairro e um candidato atual muito ligado ao prefeito prometeu que até as eleições o ônibus subiria. E agora vai subir mesmo, não por obra do candidato, mas porque a empresa começou a ver que os moradores esgotaram a paciência. São cerca de 5 mil pessoas, moradores deste Jardim e dos Jardins Belvedere e D. Méri, que vão ser beneficiados por um transporte que é um direitos mais elementares que eles têm.

Situação está ruça em V. Lenize

V. Lenize está vivendo um dos problemas que mais afeta a população de Guarulhos: falta d'água. Seus moradores estão usando água de um cano furado, da avenida Central, inclusive para beber. Existe um projeto de canalização, que ficou só no papel, apesar de já estarem cansados de pedir providências à Prefeitura, que está sabendo muito bem do problema. E não é só: atrás do grupo escolar

passa um córrego cujo mau cheiro está deixando as crianças doentes. À noite ninguém tem coragem de sair de casa com medo de ser assaltado por falta de policiamento. Quando chove, as ruas esburacadas transformam-se em um verdadeiro lamaçal. O povo está reclamando que os políticos só se lembram de V. Leniz na época das eleições, pra pedir voto.

Santos Dumont quer escola

O Parque Santos Dumont vem reclamando junto à prefeitura a construção de um prédio para o funcionamento da escola do bairro. A construção dessa escola já está aprovada pela Câmara desde 1977 (Processo nº 17.832) e os moradores estão preocupados porque se a prefeitura não der início à construção logo, no próximo ano a escola ainda não

entrará em funcionamento.

Atualmente existe uma escola de 1º grau, no bairro, que funciona em prédio alugado e em precárias condições. Além do que os moradores estão pedindo que a escola seja de 1º e 2º grau. É uma reivindicação muito justa, principalmente se considerarmos que ali residem 200 famílias, quase todas com filhos em idade escolar.

Saúde

Números mostram como anda a saúde

No Brasil, calcula-se em 20 milhões o número de trabalhadores dos principais ramos de produção, sendo 12 milhões nas grandes cidades. Em 1977, segundo o governo, ocorreram 1.600.000 acidentes de trabalho no país, a maioria nas indústrias, porque é difícil computar os acidentes no campo. Isto significa que em cada 7 anos, todo operário deverá sofrer um acidente por estar trabalhando. Considerando-se 8 horas de trabalho diário, em regime de 6 dias por semana, 12 trabalhadores são acidentados por minuto no país. Segundo o anuário estatístico, o tempo médio de vida de um cidadão no Brasil, é de 56 anos (em 1976), porém se este cidadão for um operário ele cai para 28 anos (em 1976). Isto mostra que o risco de trabalhar, neste país, é altíssimo, por várias razões: desde o desgaste físico do trabalhador pela má alimentação, moradia, excesso de horas de trabalho etc., como pelas péssimas condições de trabalho. Além disso, as baixas condições de vida aumentam o número de doenças fazendo com que a população brasileira seja uma das mais doentes do mundo.

FREQUÊNCIA DE DOENÇAS

Segundo os dados do governo sobre o número de doenças o Brasil, de algumas doenças que praticamente não existem em países onde há melhores condições de vida e trabalho, temos o seguinte: Doença de Chagas, provocada pela picada do «barbeiro»: 10 milhões; Vermínozes, 90 milhões; Esquistossomose (barriga d'água), 15 milhões; Tuberculose, 60 milhões; Acidentes de trabalho, 1,6 milhão e Desnutrição, em crianças de 0 a 5 anos, 9 milhões.

Somando-se estes números chega-se à conclusão que o número de doentes (185.500.000) é muito maior que o número de habitantes, o que comprova que em média cada brasileiro tem mais de uma doença. Sendo assim, conclui-se, que a saúde do povo não pode ser medida só pelos dados de morte, mas também pelo número de doentes; e que as pessoas que estão vivas, no nosso País, estão submetidas diariamente a péssimas condições sociais, pois essas doenças são típicas de um povo pobre. Portanto, a conquista da melhoria do salário e das condições de vida e trabalho e das condições de saúde é obra da própria população. Uma luta justa.